

Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: um exemplo a partir do Porto

Rui Leandro Maia

Revista de Demografia Histórica, XX, I, 2002, segunda época, pp. 53-80

Resumo

O texto aborda o problema das redes de relações sociais que se constituem a partir da fixação dos migrantes aos espaços urbanos, entre migrantes estabelecidos recentemente e migrantes estabelecidos há mais tempo, e entre os migrantes e os que permanecem nos espaços de origem, tanto familiares como conterrâneos.

A partir da diversidade de informações/fontes que se reportam a um tempo —entre 1940 e 1969— em que o êxodo rural, motivado por factores repulsivos inerentes às insuficiências económicas dos espaços interiorizados, se fez sentir de forma muito significativa em Portugal (cf. Nunes 1964), o texto chama a atenção para a importância que as redes de relações sociais têm para as migrações, designadamente, ainda que de forma indirecta, pela permanência entre gerações de percursos feitos a partir dos espaços de origem e pela função de suporte em relação à fixação dos migrantes em espaço urbano, relevando, a propósito, o importante papel desenvolvido pela e para a família.

Abstract

The article makes an approach to the social relation network and its contribute to the migration processes not only from the origin spaces but also from the places of settlement. Although this article is limited to the study of the city Oporto, namely the region of Bonfim, it is based on specific bibliography and intends to contribute to a different view from the traditional Marxist and Liberal thesis.

Introdução

A noção de redes de relações sociais remete-nos para o conjunto de configurações sociais que os indivíduos, cujos percursos o investigador observa, são capazes de representar. O número e o tipo de relacionamentos serão factores que permitem estudar os indivíduos e os grupos a partir de um conjunto de categorias e em relação aos mais diversos aspectos. Quer-se apenas chamar a atenção para a importância das redes de relações sociais, de carácter familiar e comunitário, nos processos migratórios e na condição dos migrantes, tanto em relação às sociedades de acolhimento como em relação às sociedades de origem.

A noção de redes de relações sociais remete-nos para novas leituras sobre os percursos migratórios: permite superar as análises migratórias feitas em exclusivo a partir de um dos espaços a que os migrantes se encontram ligados, o de origem e o de acolhimento.

O texto, produto de uma investigação mais vasta efectuada no âmbito da preparação do trabalho de doutoramento do autor (cf. Maia 2001), procura chamar a atenção para importância que assumem as redes de relações sociais, familiares e comunitárias, na vida dos migrantes residentes numa freguesia da segunda cidade de maior importância demográfica e económica Portugal-a cidade do Porto, a partir da freguesia do Bonfim. Trata-se de um espaço periférico da cidade que cresceu de forma acentuada em número de habitantes e em actividades económicas, sobretudo relacionadas com a indústria, desde a segunda metade do século XIX e que manteve a liderança demográfica até meados do século XX. A freguesia do Bonfim representa, assim, um exemplo de espaço que teve poder de atracção sobre populações rurais e semi-rurais rurais mais ou menos distanciadas da cidade do Porto; mas também que teve poder de atracção sobre a própria população das freguesias centrais da cidade do Porto, quando esta se estava a expandir do centro para as periferias, tanto interna como externa.

1. Fontes e procedimento metodológico

A captação de uma realidade social como a das redes de relações sociais com impacto nos processos de migração interna não se faz

seguramente a partir de um único processo e, como tal, implica muitas vezes o cruzamento de fontes diversas. Nessa perspectiva, o presente trabalho procura cruzar fontes de natureza quantificável com fontes descritivas. As de natureza quantificável são provenientes: 1) de registos de casamento efectuados no espaço em observação entre 1940 e 1969, que abrangem um total de 17.580 indivíduos, resultado de um levantamento por amostragem sistemática (de três em três registos de casamento). Em cada livro de registos de casamento, correspondente a um ano civil, foi levantado um acto por cada três, o correspondente a 1/3 do total de casamentos efectuados na paróquia no período considerado (9.594 casamentos). Este tipo de amostragem consiste em retirar directamente da fonte com que o investigador trabalha os elementos representativos do universo segundo uma dada ordem que se mantém em cada recolha. A menos que a fonte apresente oscilações periódicas —o que não é o caso dos livros de registo de casamento—, a amostragem sistemática constitui um processo satisfatório de representação de uma população (cf. Karmel e Polasek 1976: 196); e 2) da utilização parcial de dados de um de uma inquérito por questionário ministrado a 176 migrantes residentes em três ruas da freguesia do Bonfim, escolhidas de forma aleatória, que deixa perceber como, em relação à fixação dos migrantes na cidade ou em relação à manutenção de contactos entre os migrantes e os que ficaram nas terras de origem, as redes de relações sociais se assumem como elemento central. O recurso as estas fontes de natureza quantificável —os registos paroquiais de casamento e o inquérito por questionário— faz-se pela necessidade de obtenção de informações que, com o pormenor requerido, não estão disponíveis nas estatísticas oficiais, designadamente nas que o Instituto nacional de Estatística produz (cf. Maia 2001: 43-47). As de natureza descritiva são provenientes de uma análise de discursos a partir de trinta entrevistas semi-directivas, de que se apresentam alguns excertos. As entrevistas semi-directivas, neste contexto, justificam-se por dois motivos: 1) pela necessidade de captar e de descrever interações e relações sociais dos diferentes actores que residem no espaço urbano e que os registos de casamento e o inquérito por questionário não permitem observar; 2) e pela necessidade de descrever comportamentos observados por quantificação, de encontrar explicações para «factos sociais», de perceber a diversidade de percursos antes e após a fixação dos migrantes ao espaço urbano (cf. Maia 2001 48-51).

2. Redes de relações e percepção de percursos migratórios

A complexidade de factores subjacente às migrações (por, desde logo, estarem presentes dois espaços —o de origem e o de acolhimento) tem conduzido ao aparecimento e desenvolvimento de um vasto conjunto de teorias mas, ao mesmo tempo, tem impedido um entendimento globalizante da problemática. Somos levados a estudar as migrações tomando por norma uma das muitas perspectivas possíveis: ora privilegiando a observação da fixação residencial e ocupacional, ora analisando o impacto que as saídas num dado período de tempo tiveram no espaço originário. Raramente se estudam os dois espaços em conjunto, apesar de ser notória a influência recíproca - o que não equivale a dizer-se equilibrada— entre eles, dificuldade que, na essência, tem que ver com a circunstância das migrações não se efectuarem em linha directa do espaço A para o espaço B, mas sim do espaço A para os espaços B, C, D, E, F... (ou o contrário) e, em muitos casos, por se efectuarem em «zigzag», isto é, isoladamente ou em grupo, os indivíduos deixam o espaço A fixando-se no espaço F, mas tendo, entretanto, passado pelo espaço B, C, D ou E e até por mais do que um deles naquele período de tempo específico.¹ Depois, não se trata apenas, mesmo que numa relação automática isso fosse possível, de equacionar as migrações entre dois ou mais espaços, mas também de equacionar os efeitos sociais de tais movimentações, que, a partir da informação disponível, são de difícil definição e verificação: o impacto económico e social nas vidas dos seus directos intervenientes e no conjunto das populações envolvidas cria problemas de análise que dificilmente caberiam numa das fronteiras científicas existentes e, em simultâneo, numa das partituras analíticas que arrumam as questões entre abordagens quantitativas e qualitativas ou entre escalas macro e microsociais. Como tentativa de superar o artificialismo que, muitas vezes, este tipo de análises comporta, e que no caso das migrações se tem pautado por uma divisão entre a análise quantitativa e os estudos de caso (cf. Piseli 1998: 105), pode buscar-se uma eventual respos-

1 Como refere Jackson: «O estudo das migrações, sejam quais forem as suas causas, coloca dificuldades analíticas particularmente delicadas ao demógrafo, sociólogo ou economista que, convencionalmente, delimita o seu objecto de análise usando como referência uma dada sociedade. A migração implica movimento de indivíduos e grupos entre duas sociedades: a que acabaram de deixar e aquela em que procuram inserir-se». (1991: 2).

ta no conceito de redes sociais. A sua adopção implica, antes de mais, que consideremos os indivíduos a partir dos relacionamentos que mantêm entre si. O que importa, portanto, não é a caracterização dos indivíduos pelos seus atributos, mas a forma como cada um se relaciona com os outros ou, dito de outro modo, a forma como os relacionamentos estabelecidos permitem perceber e explicar o posicionamento social de cada um. A detecção desses relacionamentos, que podem ser mais ou menos alargados em número de pessoas e variar na intensidade que cada uma estabelece com as demais —o que varia de caso para caso—, permite também perceber o posicionamento tendencialmente próximo ou distanciado dos indivíduos dentro do que se designa por sistema ou subsistema sociais: se são mais ou menos activos, se os relacionamentos que fomentam se fazem ou não intensamente para além dos vínculos directos, isto é, para além das «dependências» decorrentes dos laços familiares. As figuras I e II retratam dois exemplos, entre muitos possíveis, de redes de relações: A está em contacto directo com B e, por sua vez, este em contacto directo com C, D, E e F, mas estes, para a persecução das suas actividades ou dos seus objectivos, dependem igualmente de A que com eles apenas mantém uma relação indirecta por intermédio de B, que dele depende, existindo diferentes intensidades de relacionamentos entre os indivíduos, muito embora as distâncias nos relacionamentos sejam equivalentes; ou, pelo contrário, os indivíduos interagem uns com os outros, em posições mais ou menos próximas: A está em contacto directo ao mesmo tempo com B, C e F, embora com este último a intensidade da relação estabelecida seja menor do que com os outros; por sua vez, D, E e F interagem entre si com a mesma intensidade, sendo que E também interage de igual forma com C; o mesmo já não se passa quanto à intensidade da relação existente entre B e C. Neste caso, as distâncias estabelecidas entre os indivíduos variam, podendo isso ser factor de uma menor intensidade nos relacionamentos existentes.

FIGURA I

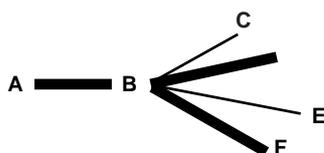
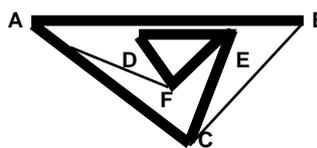
Rede centralizada num indivíduo

FIGURA II

Rede descentralizada por vários indivíduos

Desta forma, quanto maior for o número e a intensidade dos relacionamentos existentes maior será também a importância de uma rede social, na qual interagem —de acordo com determinada hierarquia de funções— os indivíduos mediante diversos canais de comunicação. A complexidade que a adopção de uma tal perspectiva analítica envolve, até porque as redes sociais são de difícil percepção ou mesmo «invisíveis» (Santos 1991: 37), implica que fixemos muito bem os sentidos das observações pretendidas, que no nosso caso se saldarão basicamente pela detecção de algumas formas de «relacionamento instrumental» (ou seja, de fluxos comunicacionais mais ou menos intensos entre os indivíduos que, mutuamente, procuram obter certo tipo de benefícios/vantagens, tais como o acesso a um emprego ou a passagem de bens, serviços e informações entre espaços) e de «relacionamento de parentesco» (ou seja, com o sentido de percebermos até que ponto as relações familiares são importantes no trânsito e fixação de pessoas entre espaços, na manutenção de um fluxo comunicacional entre espaços e, por outro lado, com o sentido de percebermos como se constituem famílias pelo casamento a partir do espaço de acolhimento).² De outra forma, seria difícil apreender os múltiplos relacionamentos de um número considerável de indivíduos. Os diferentes percursos de vida conduzem ao estabelecimento e intensificação de redes de relações diferenciadas que derivam, por exemplo, de factores como a escolaridade, o nível sócio-económico familiar ou o tipo de trabalho e de organizações em que cada um pode estar envolvido. Também a possibilidade de estabelecimento de redes de relações, pelo menos em número de indivíduos, poderá variar com a intensidade das densidades populacionais, o que equivale a dizer-se que poderá variar de espaço para espaço.³ No caso dos migrantes, o tempo de estadia no espaço de acolhimento potência, até por razões de integração institucionalizada —no trabalho ou na escola, por exemplo— as redes de relações, mantendo-se os anteriores relacionamentos no meio de origem, ou outros que não decorram de uma relação dos indivíduos

2 Numa perspectiva de observação dos indivíduos a partir de um conjunto de redes de relações há uma infinidade de posicionamentos que os podem caracterizar e que, seguramente, não cabem na abordagem que aqui fazemos, como sejam: os relacionamentos de carácter sentimental, os de descendência, os de autoridade e poder ou os de comunicação (sobre o assunto v. Santos 1991: 42-46; Portes 1999: 12-16).

3 Durkheim refere-se ao aumento da densidade demográfica como um importante factor de mudança social que potencia a divisão do trabalho e, ao mesmo tempo, no que apelidou de «densidade moral», como factor que estimula os contactos entre indivíduos e a criatividade social, motores do progresso civilizacional (cf. Rocher 1989: 10).

com um espaço dado. Como refere Portes: «A migração é definida como um processo criador de redes na medida em que desenvolve uma teia cada vez mais densa de contactos entre os locais de origem e de destino» (1999: 27). Num processo evolutivo, cada indivíduo vai «gerindo» no tempo estes múltiplos relacionamentos de acordo com factores variados e distintos de migrante para migrante (cf. Castells 1999: 446-452). A importância ou intensidade de cada uma das possíveis redes —no sentido de as considerarmos redes muito ou pouco unidas, em função da solidez ou da fraqueza das relações existentes entre os membros que as compõem— depende de um conjunto de circunstâncias a que não é alheio o tempo e a idade com que o migrante deixou a comunidade de origem, o número e o parentesco das pessoas a ele ligadas —nomeadamente familiares directos— que aí ficaram, a forma como ele se relaciona na comunidade para onde migrou, o facto de ser ou não casado, de ter ou não casado com alguém da sua comunidade de origem, entre outros factores.

A abordagem quantitativa procura apreender regularidades sociais, relações de causa e efeito ou de dependência entre variáveis como migrações e industrialização ou a quantificação dos factores atractivos ou repulsivos na decisão de migrar em determinado momento: uma forma de abordagem que conduz, muitas vezes, a erros de interpretação dadas as generalizações que impõe. Os estudos comunitários, por sua vez, são limitativos na medida em que centram, geralmente, a atenção numa só comunidade, a de origem ou a de recepção dos migrantes; mas, ao mesmo tempo, permitem apreender as singularidades e, dessa forma, não cair em abusivas generalizações. Pelas potencialidades de cada um dos tipos descritos, há que procurar estabelecer uma conjugação ou, no dizer de Costa, «combinar, de forma cognitivamente produtiva, a análise das regularidades e das singularidades sociais». (1992: 48). O conceito de redes sociais constitui, por isso, um instrumento teórico da maior validade porque permite acompanhar no espaço e no tempo —e, portanto, em diacronia— os protagonistas de um determinado processo, neste caso as migrações, permitindo também superar algumas teorias construídas numa base meramente espacial sobre a diferenciação de sociedades, como, por exemplo, a da dissolução das relações sociais primárias em meio urbano ou a da sua relegação para um plano de inferioridade que a sociologia tanto enfatizou. Wirth, ao referir-se à maior dimensão demográfica das cidades por relação aos meios rurais, afirma: «Nestas circunstâncias, a competição e os mecanismos formais de controlo substituem os laços de solidariedade que

conferiam unidade à sociedade tradicional». (1997: 52).⁴ Numerosos estudos na base das redes sociais têm vindo a negar esta tese, ao mostrarem que, de facto, as relações sociais primárias, de carácter familiar e de conterraneidade, foram indispensáveis na fixação dos migrantes ao meio urbano e permanecem intensas após a estadia, tanto por contactos à distância e, poderemos dizer, de solidariedade entre os que migram e os que ficam na terra de origem, como por visitas frequentes e cíclicas, com particular relevância para as romarias anuais. O pretenso individualismo e distanciação em relação às relações sociais primárias que caracterizariam os migrantes instalados no espaço urbano vai sendo assim substituído pela ideia de uma continuidade do «projecto» de vida familiar em que as estratégias e interesses singulares se subjugam às estratégias e interesses de grupo (cf. Piseli 1998: 114; Gribaudi 1987: 45-46; Raison 1986: 492-495).⁵ Rocha-Trindade *et al.* cha-

4 A este respeito, Parsons (1968; 1969) é, porventura, um dos sociólogos que maior ênfase deu às mudanças operadas em meio urbano e industrial na família que, de extensa em meio rural, passa a nuclear e com tendências a isolar-se em relação à parentela (cf. Michel 1983: 131; Saraceno 1997: 64-65). Sobre o assunto v. ainda Rowland (1986: 18); Roncayolo (1986: 428). Mas é de notar que este não é um pensamento dominante na sociologia, a começar pelos seus primeiros representantes. Weber considera, de facto, que as transformações económicas têm efeitos nas relações sociais; mas, ao mesmo tempo, lembra, a propósito das sociedades e economias mais desenvolvidas, que: «De modo algum, no entanto, é sequer aproximadamente completo o paralelismo entre economia monetária e debilitação da autoridade doméstica. A autoridade e a comunidade doméstica representam, sobretudo, em face das condições económicas dadas e apesar da sua grande importância, uma formação autónoma e - do ponto de vista da situação económica-irracional que, de sua parte, frequentemente, exerce forte influência sobre as relações económicas, em virtude da sua estrutura historicamente dada». (1991: 259).

5 Mesmo que para o migrante o projecto de migração lhe pareça um acto perfeitamente isolado, há todo um conjunto de mecanismos e disposições —como os fluxos comunicacionais— que o sustentam enquanto projecto assente em redes de relações sociais. Como refere Raison: «O que à distância de alguns anos parecia uma decisão individual pode, com o tempo, revelar-se uma migração colectiva. Os movimentos convergem em função de redes de relações familiares e locais; daí resulta uma concentração de migrantes em certos locais e em certas profissões.» (1986: 495). A ideia do espaço urbano como espaço de características acentuadamente monocronas, de funções, tempos e relacionamentos standardizados, não tem correspondência prática. Como refere Giddens: «Uma grande cidade é um *mundo de estranhos*, mas, no entanto, apoia e origina relações pessoais. Não se trata de um paradoxo. Temos de dividir a experiência urbana entre a esfera pública dos encontros com estranhos e o mundo mais privado da família, dos amigos e dos colegas de trabalho». (1997: 673). Entre nós, os trabalhos de Almeida (1985; 1986) e Costa (1985), que aqui servem apenas de exemplo, dão conta da importância das relações primárias de base familiar e comunitária (de conterraneidade) para a instalação dos migrantes em meio urbano.

mam a atenção para as potencialidades analíticas que advêm da utilização deste recurso na percepção do posicionamento social dos indivíduos:

A principal destas qualidades é a posição que um actor social ocupa na estrutura da rede [...]. Por outro lado, as posições dos actores na rede social determinam a estrutura de oportunidades de um actor no que diz respeito à facilidade de acesso aos recursos de outros actores situados na rede. (1995: 91).

Além do mais, a reconstrução das redes sociais, ao permitirem a identificação da origem dos indivíduos que integram, por residência, um dado espaço abrem caminho a uma «cartografia» da interacção e da influência de uns espaços sobre outros e, bem assim, à determinação da área externa de influência de um dado espaço com características de centralidade em relação a espaços periféricos, como é seguramente o caso das grandes cidades: quando num dado espaço «regional» se fala de centro e de periferias o que se está a querer afirmar é, em certo sentido, o grau de profundidade das interacções entres espaços e/ou a influência desse centro em relação às periferias e uma das possíveis formas de percepcionarmos essa influência é através da extensão dos limites «chamativos» que esse espaço central tem em relação aos espaços de periferia e que, naturalmente e em grande medida, se concretiza pelas migrações (cf. Shils 1992: 136-137; Rocha-Trindade *et al.* 1995: 90-91). A abrangência resultante de uma tal abordagem vai muito para além do acto migratório e da saída e instalação espaciais. Tal acto serve-lhe de ancoragem para a percepção de outros espaços, com destaque para o ocupacional, o familiar e o relacional (cf. Rosental 1993). A questão que se coloca não é de se saber se é ou não possível fazer qualquer separação analítica, na realidade, mas sim saber como em simultâneo estudar espaços e não um espaço (o de origem ou o de recepção, estudar comportamentos sociais no espaço e não indivíduos, entre demais partituras analíticas que queiramos fazer para distinguir os dois tipos de abordagem). Temos sempre que tomar um partido ou seguir uma via para conhecer, dado que a descoberta implica classificação, ou seja, implica a introdução de um certo artificialismo.⁶ Cabe-nos, contudo,

6 Bourdieu descreve este artificialismo e a necessidade de o denunciarmos, para que se conheçam as condições em que o conhecimento científico foi produzido, ao afirmar que «a ciência social, que é obrigada a classificar para conhecer, só tem alguma probabilidade, não já de resolver, mas de, pelo menos, pôr correctamente o problema das classificações sociais e de conhecer tudo o que, no seu objecto, é produto de actos de classificação se fizer entrar na sua pesquisa da verdade das classificações o conhecimento da verdade dos seus próprios actos de classificação». (1989: 111).

tentar a abordagem mais completa e integradora possível. Se de um lado, na sociedade de origem, migrar pode ser uma das formas possíveis de alcançar uma vida melhor e, na sequência, permitir a ajuda aos que permanecem; do outro, na sociedade receptora, há todo um conjunto de questões que o seu estabelecimento provoca: socialização recíproca entre migrantes e locais/naturais ou aculturação dos primeiros? disputa de mercado de trabalho ou, ao invés, subalternização dos migrantes aos locais/naturais por uma estratégia de «fechamento de oportunidades»?

3. Uma abordagem a partir dos registos de casamento

O quadro I representa todos os que, sendo naturais e moradores em espaços externos à cidade do Porto, por distritos, aí vieram casar. É interessante interpretar-se o acto de casar numa outra terra diferente de qualquer terra de naturalidade e/ou de residência dos cônjuges como uma espécie de «miragem» ou efeito de encantamento que a cidade exerce relativamente às populações dos espaços mais ou menos distantes: as suas estruturas, a dimensão e beleza dos edifícios, nomeadamente das igrejas, a paisagem, os equipamentos que a cidade proporciona para um dia como o casamento serão importantes nessa decisão em casar na cidade e fora das terras de origem ou de residência; mas, ao mesmo tempo, a nossa interpretação terá que contemplar também as redes de relações sociais e o fluxo mais ou menos intenso que, a partir dos migrantes, se estabelece entre a cidade e os espaços de origem ou de residência daqueles que aqui vêm contrair o matrimónio. É que esses espaços, *grosso modo*, coincidem, tanto em número como na proveniência, com os percursos dos migrantes que fixaram residência na cidade: ao distrito do Porto, com os seus distantes 58,0% do total dos casos, seguem-se o de Aveiro, com 17,1%, o de Viseu, com 7,7%, e o de Bragança, com 6,0%. Se lhes juntarmos os de Braga, com 3,1%, Vila Real, com 2,6%, e Guarda, com 1,4%, é praticamente o Norte que se liga à cidade enquanto espaço escolhido para a celebração do casamento por muitos que nela não residem.

E esse fluxo, de gente que transita entre espaços, explica como, de certa forma, em momentos especiais —de que o matrimónio é um deles— se opte por um centro que é partilhado por uma população que é muito mais vasta do que aquela que os seus limites geográficos encerra.

QUADRO I

Proveniência geográfica dos homens e mulheres naturais e residentes fora que casam no Porto

Distritos	1940-1969		
	Homens	Mulheres	Homens e Mulheres
Aveiro	17,1	17,1	17,1
Beja	0,0	0,0	0,0
Braga	3,4	2,9	3,1
Bragança	5,1	6,9	6,0
Castelo Branco	0,6	0,0	0,3
Coimbra	1,7	0,6	1,1
Évora	0,0	0,0	0,0
Faro	0,6	0,0	0,3
Guarda	0,6	2,3	1,4
Leiria	0,6	0,0	0,3
Lisboa	0,0	0,0	0,0
Portalegre	0,0	0,6	0,3
Porto	57,1	58,9	58,0
Santarém	1,1	0,6	0,9
Setúbal	0,0	0,0	0,0
Viana do Castelo	1,1	0,6	0,9
Vila Real	3,4	1,7	2,6
Viseu	7,4	8,0	7,7
n =	175	175	350

FONTE: registos de casamento, Bonfim.

Por relação à população do continente, a grande maioria dos migrantes que casam e residem no Bonfim tem origens na Região Norte do país.⁷

O Norte do país é o espaço fornecedor de homens e de mulheres que se instalam na cidade, com 88,4% dos casos, sendo o distrito do Porto aquele que, no conjunto da região, mais migrantes aqui fez afluir: dele vieram 41,4% do total de migrantes do continente entre 1940 e 1969. Por ordem de importância, seguem-se-lhe os distritos de Braga, com 17,0%; Viseu, com 11,0%; Vila Real, com 8,2%; Aveiro, com 5,7%;⁸ Viana do Castelo, com 5,3%; e Bragança, com 3,4%.⁹

7 Considera-se Região Norte a actual área de abrangência da Comissão de Coordenação da Região Norte.

8 Tanto para o distrito de Aveiro como para o de Viseu apenas foram tidos em conta os concelhos que integram a Região Norte.

9 O surto de crescimento urbano e industrial da cidade do Porto, com forte impacto económico e social no mundo rural, fez-se sentir sobretudo com o *fontismo*, a

Trata-se de uma migração, mesmo para os anos em causa, de curta distância, tendo em conta a dimensão do território nacional: 60,0% dos que migraram estão aquém dos 80 Km da cidade do Porto.¹⁰ Com ligeiras alterações entre décadas, essa característica mantém-se ao longo dos trinta anos de observação. Há um decréscimo do número de migrantes provenientes de espaços a distâncias inferiores a 20 Km para o número de migrantes provenientes de espaços a distâncias entre 20 Km e 39 Km para, nas distâncias entre 40 Km e 59 Km, se atingir pico das proveniências de migrantes e nas agregações seguintes se verificar um decréscimo progressivo.¹¹

Assim também se verifica em relação aos pais dos nubentes que, vindos de fora, se instalaram na cidade: 57,9% dos que migram estão aquém dos 80 Km da cidade do Porto, com uma escalada coincidente, no essencial, em ordem de distâncias de origem da geração posterior de migrantes entre cada agrupamento de 20 Km.

O mesmo exercício de agregação dos pais dos nubentes que também migraram para a cidade reitera idêntica importância da Região Norte e, sobretudo, do distrito do Porto face ao total dos concelhos de proveniência de migrantes, respectivamente 85,3% e 42,0%.

Ao distrito do Porto, seguem-se-lhes os distritos de Braga, com 14,8%, Viseu, com 12,1%, Vila Real, com 8,6%, Aveiro e Viana do Castelo, ambos com 5,2%, e Bragança, com 3,6%. A ordem de importância numérica na origem dos migrantes que vêm residir para este espaço da cidade, em relação à dos respectivos filhos, mantém-se, o que

política de fomento de obras públicas e de desenvolvimento industrial da segunda metade de oitocentos. A cidade passou a assumir, mais do que nunca, a função de centro agregador de dinâmicas económicas de todo o vasto espaço Norte do país e, por isso, também a função de centro polarizador de intensa mobilidade demográfica, tanto pela capacidade de quotidianamente chamar gente dos municípios vizinhos a desenvolver uma vasta gama de actividades em regime de migração pendular (capacidade que hoje perdura, mais de que qualquer outra forma de migração), como fixando gente proveniente de todo o Norte, sendo, ao mesmo tempo, espaço de permanência temporária para os que pretendiam amealhar o capital suficiente para poderem emigrar, sobretudo para o Brasil. A propósito, consultar Pereira (1995: 51-57) e Alves (1994).

10 O facto de apontarmos aqui como referência os 80 Km tem a ver com a distância física aproximada de então entre a cidade do Porto e Baião, o concelho mais distante do distrito.

11 Exclui-se dessa observação, naturalmente, os migrantes com origens acima dos 200 Km de distância, por esta última categoria contemplar todas as restantes casos.

QUADRO II

Proveniência dos nubentes residentes na cidade, por distritos e por sexos (%)

Distritos	1940-1969		
	Homens	Mulheres	Homens e Mulheres
Aveiro	5,5	5,8	5,7
Beja	0,3	0,1	0,2
Braga	15,7	18,3	17,0
Bragança	4,0	3,0	3,4
Castelo Branco	0,6	0,4	0,5
Coimbra	1,5	1,7	1,6
Évora	0,3	0,1	0,2
Faro	0,2	0,2	0,2
Guarda	2,0	1,7	1,9
Leiria	0,3	0,2	0,2
Lisboa	2,3	2,0	2,1
Portalegre	0,7	0,3	0,5
Porto	40,9	41,8	41,4
Santarém	0,3	0,1	0,2
Setúbal	0,7	0,3	0,5
Viana do Castelo	6,1	4,7	5,3
Vila Real	7,4	9,0	8,2
Viseu	11,5	10,6	11,0
n =	1054	1154	2208

FONTE: registos de casamento, Bonfim.

QUADRO III

Distância em Km entre o concelho de origem dos nubentes e a cidade (%)

Distância em Km	1940-1969		
	Homens	Mulheres	Homens e Mulheres
< de 20	15,0	16,6	15,1
20-39	12,2	13,5	12,3
40-59	18,0	21,8	19,0
60-79	14,0	14,8	13,7
80-99	9,4	10,6	9,5
100-119	8,6	10,0	8,9
120-139	6,5	6,9	6,4
140-159	2,6	2,7	2,5
160-179	2,2	2,7	2,3
180-199	1,6	2,1	1,8
> de 200	10,2	8,0	8,7
n =	1053	1150	2203

FONTE: registos de casamento do Bonfim.

QUADRO IV

Distância em Km entre o concelho de origem dos pais dos nubentes e a cidade, segundo a data de casamento dos filhos (%)

Distância em Km	1940-1969
	Homens e Mulheres
< de 20	14,8
20-39	12,2
40-59	18,5
60-79	12,4
80-99	9,7
100-119	8,4
120-139	7,9
140-159	2,3
160-179	2,4
180-199	1,7
> de 200	9,7
n =	2560

FONTE: registos de casamento do Bonfim.

reforça a continuidade no tempo de percursos migratórios e, por isso, a tese de que as migrações assentam fortemente em redes de relações sociais.¹²

A prestação de depoimentos sobre percursos de migração quase sempre atesta este tipo de procedimentos.¹³ Eugénia Madureira

12 No quadro V, optou-se pela análise por sexos reunidos dada a conhecida manifestação da mortalidade diferencial, com repercussões mais precoces nos homens do que nas mulheres, em idades avançadas.

13 Em relação às migrações para o bairro lisboeta de Alfama, a este propósito, Costa comenta: «O mecanismo funcionava da seguinte maneira. Vinha um indivíduo da província, arranjava uma casa, conseguia entrar para a estiva. De imediato, mandava chamar parentes e amigos. Instalação já havia. Aboletavam-se todos em casa do primeiro. Já aí começava este a realizar dinheiro dos subalugueis. Depois era preciso arranjar-lhes emprego». (1984: 85). Na cidade do Porto, muitos eram os que arrendavam pequenos espaços aos migrantes que para aí vinham trabalhar, sobretudo quartos partilhados, como nos refere uma das informantes: «A minha sogra até tinha caseiros que vinham lá de fora; arrendava quartos. Ficavam mais do que um em cada quarto. Por exemplo, um senhor estava lá mas ia trabalhar para o caminho de ferro e ficava outro. Quer dizer, era [cada quarto] para três ou quatro que ficavam ali». Num

QUADRO V

Proveniência dos pais dos nubentes residentes na cidade, por distritos, sexos reunidos (%)

Distância em Km	1940-1969
	Homens e Mulheres
Aveiro	5,2
Beja	0,2
Braga	14,8
Bragança	3,6
Castelo Branco	0,9
Coimbra	1,6
Évora	0,2
Faro	0,2
Guarda	2,4
Leiria	0,1
Lisboa	1,5
Portalegre	0,4
Porto	42,0
Santarém	0,2
Setúbal	0,7
Viana do Castelo	5,2
Vila Real	8,6
Viseu	12,1
n =	2562

FONTE: Registos de casamento, Bonfim.

estudo comunitário de Durães, freguesia do concelho de Barcelos e do distrito de Braga, Cardoso, na mesma linha, também realça: «Normalmente as saídas migratórias internas ocorriam graças às redes de contacto mediante um familiar ou um mediador local com ligações no exterior da aldeia e que funcionava como o protector do migrante, não só angariando-lhe trabalho e proporcionando-lhe alojamento como orientando-o nos primeiros passos de cidadão deslocado». (1997: 41). Os dados e os exemplos apresentados permitem agora com mais segurança falar da existência de redes de relações sociais no apoio às migrações entre espaços rurais e espaços urbanos no nosso país como, na década de oitenta, numa das primeiras investigações do género, Costa sustenta: «A migração em cadeia não se verifica certamente só para Alfama, embora a falta de estudos sobre as zonas de especialização de origem e destino, grau de concentração geográfica, implicações sobre as trajectórias sociais envolvidas e sobre as várias dimensões das estratégias e das redes de inserção social dos migrantes internos em Portugal não permita ainda traçar minimamente os contornos do fenómeno para o conjunto da sociedade portuguesa». (1985: 743).

migrou de Marco de Canaveses para a cidade do Porto, em 1963, com 14 anos. Veio trabalhar como doméstica e olhar pelas crianças de um casal, de que o homem era compadre do seu pai, e também natural de Marco de Canaveses. Depois dela, como conta, vieram mais duas irmãs com os mesmos propósitos:

A primeira fui eu, depois trouxe outra, não queria estar cá sozinha. Estava cá, chamei-a. Arranjei-lhe trabalho numa casa, a servir como doméstica. Eu estava de doméstica numa casa e ela foi para outra. Depois de eu casar, veio outra. Veio para a mesma casa onde eu estava. Fiquei grávida da minha filha mais velha; eu tive de sair e ela ficou nessa casa.¹⁴

Muitas vezes, a circunstância dos migrantes estabelecidos na cidade irem com algumas frequência à terra de origem permitia o surgimento de oportunidades de colocação na cidade, sobretudo para as moças que vinham trabalhar como domésticas e que necessitavam de um apoio para essa colocação e, nalguns casos, antes de conseguirem trabalho, necessitavam de uma casa na cidade onde ficar. Arminda Augusta, natural de Baião, veio para a cidade em 1940. Ajudou muitas raparigas da terra a arranjar emprego, deixando-as dormir em sua casa e dando-lhes de comer. «Pediam-me - Ó Gustinha vê se arranjas alguma coisa para a minha filha, nem que seja servir. Logo que vejas que é uma casa séria».

Os migrantes que na cidade tinham emprego nos serviços públicos estavam também atreitos e este tipo de «favores». O funcionalismo público permitia a fuga dos espaços rurais e a aquisição de empregos estáveis. Muitos agarravam-se aos laços, directos ou indirectos, de conterraneidade e/ou familiares para tentarem a vinda para a cidade. Um trabalhador da «Companhia das Águas», tanto da sua terra de origem —Lamego— como da terra de origem da mulher —Penafiel— entre os

14 O depoimento, que ilustra bem a função das redes de relações —com destaque para as de carácter familiar— encontra situações muito semelhantes em relação às migrações para a cidade de Lisboa, com explica Almeida: «Por detrás da mobilidade geográfica dos indivíduos, da sua integração num seio estruturalmente novo, descobrem-se consistentes estratégias familiares. A migração adquire forma de um autentico empreendimento familiar: nos motivos que a provocam, nas redes de apoio local que a possibilitam, nos motivos que a orientam. Um indivíduo, e sobretudo uma rapariga, não parte isoladamente, mas sim enquadrado numa rede de parentes e de vizinhos solidários. [...]. É no seio da família, e em função de cada etapa do ciclo familiar, que se mobiliza, recruta e gere a mão-de-obra (reconvertida em salários) que permitirá a sobrevivência colectiva. Na cidade, a rede de parentes tem aliás um papel decisivo na procura de casa e de emprego, no contacto com empregadores». (1985: 41). Sobre este assunto, v. também Almeida (1986).

anos cinquenta e sessenta colocou aí a trabalhar trinta e duas pessoas; também um subchefe dos CTT («Correios, Telégrafos e Telefones»), natural de Baião, ao longo da sua vida profissional, entre os anos quarenta e sessenta, colocou a trabalhar na cidade e arredores como carteiros «mais de cem» conterrâneos.

A permanência, praticamente sem alterações, do mapa de representação da origem dos pais dos migrantes residentes na cidade constitui um elemento importante para a aferição da presença e função efectiva das redes de relações sociais na saída dos migrantes dos espaços de origem e na sua fixação na cidade. Há que entender, por outro lado, que nos distritos do interior, nomeadamente nos do Norte, a fraca representação neste espaço da cidade não é sinal da existência de uma população estabilizada, antes pelo contrário: foi aí justamente que mais se fez sentir os efeitos da emigração e, igualmente, os efeitos das saídas para a capital.

Dos concelhos que integram o distrito do Porto, Gaia e Gondomar são os que, individualmente, maior número de residentes concentram no espaço em observação, respectivamente 13,3% e 12,4%; seguem-se-lhes, com proximidade, Marco de Canaveses e Penafiel, os dois com 11,5%; e Amarante e Baião, respectivamente com 9,2% e 9,1%. Para o tempo a que se reportam, estes números traduzem, dentro do distrito, uma dupla migração: a de fronteira, com dois concelhos que, de forma estreita, integram económica, social e culturalmente com a cidade, são dela um prolongamento,¹⁵ e, por outro lado, os mais distantes, a caracterizarem uma migração de desenraizamento em relação aos espaços de origem.

Uma nota curiosa é a de que os pontos de partida dos migrantes que neste espaço da cidade se vieram fixar não são, de forma alguma, descontínuos. Na comparação dos nubentes com os seus pais, entre 1940 e 1969 (que nos poderá, eventualmente, fazer recuar no caso dos segundos a cerca de vinte a trinta anos atrás, isto é, com pais que

15 A maior expressão numérica do que se designa por migração de fronteira é, aliás, uma característica genericamente observada em relação às migrações para os espaços urbanos. E nesta circunstância pode mesmo colocar-se a questão das mudanças de residência, independentemente das causas que as provoquem, se podem considerar verdadeiras migrações. Estas mudanças de residência, que acabam por dar à cidade o maior número de migrantes em relação a outros espaços de proveniência, são, por outro lado, reveladoras da maior interacção entre espaços próximos do que entre espaços distantes. É com este sentido que Duchac afirma: «En d'autres termes, l'attraction d'une ville sur les migrants joue davantage à courte ou moyenne distance qu'à longue distance». (1974: 205).

QUADRO VI

Nubentes residentes na cidade com origem no distrito do Porto (%)

Distritos	1940-1969		
	Homens	Mulheres	Homens e Mulheres
Amarante	10,2	8,3	9,2
Baião	7,7	10,4	9,1
Felgueiras	5,1	4,6	4,8
Lousada	6,0	5,2	5,6
Gondomar	10,4	14,1	12,4
Maia	2,1	3,3	2,7
Marco de Canaveses	10,9	12,0	11,5
Matosinhos	2,8	2,1	2,4
Paços de Ferreira	3,7	1,7	2,6
Paredes	5,8	6,0	5,9
Penafiel	11,6	11,4	11,5
Póvoa de Varzim	0,7	1,2	1,0
Santo Tirso	2,3	2,9	2,6
Valongo	4,2	3,3	3,7
Vila do Conde	1,6	1,7	1,6
Vila Nova de Gaia	14,9	11,8	13,3
n =	431	482	913

FONTE: Registos de casamento, Bonfim.

teriam vindo para o Bonfim desde 1910), os percursos calcorreados são coincidentes, desde as mesmas origens, como nos deixam perceber quer os dados ao nível das origens por distritos quer os dados ao nível das origens por concelho a partir do distrito do Porto.

Gaia e Gondomar continuam a ser os concelhos que maior número de residentes migrantes concentram no Bonfim, respectivamente com 14,2% e 13,1% dos casos; e na mesma ordem encontrada para os nubentes, seguem-se Marco de Canaveses, com 12,3%; Baião, com 12,1%; e Penafiel e Amarante, com 10,1%¹⁶.

16 No caso das migrações estudadas para Alfama ao longo da década de oitenta, a continuidade dos fluxos migratórios a partir das mesmas origens geográficas é bastante evidente, como lembra Costa: «... os pontos de partida dos fluxos migratórios que desembocam em Alfama não se distribuem de forma aleatória pelo território nacional. Pelo contrário, essas regiões de origem são fortemente concentradas geograficamente. De acordo com os mesmos dados obtidos pelo recenseamento, verifica-se que dos 256 concelhos do continente, 29 apenas fornecem mais de metade (52,1%) dos migrantes eleitoralmente recenseados. Mais ainda [...] 7 concelhos contribuem com quase 30% do total desses migrantes». (1985: 738).

QUADRO VII

Pais do nubentes residentes na cidade com origem no distrito do Porto (%)

Distância em Km	1940-1969
	Homens e Mulheres
Amarante	10,1
Baião	12,1
Felgueiras	3,8
Lousada	4,7
Gondomar	13,1
Maia	2,6
Marco de Canaveses	12,3
Matosinhos	2,4
Paços de Ferreira	1,1
Paredes	6,6
Penafiel	10,1
Póvoa de Varzim	0,7
Santo Tirso	2,7
Valongo	2,1
Vila do Conde	1,4
Vila Nova de Gaia	14,2
n =	1076

FONTE: Registos de casamento, Bonfim.

São, de facto, os concelhos mais distantes referidos aqueles que maior propensão apresentam para a repulsão populacional no distrito do Porto (cf. Alarcão 1964: 543).¹⁷ Este último tipo de migração

17 A propósito da mobilidade geográfica da população de Marco de Canaveses para duas freguesias do Porto —Cedofeita e St Ildefonso— Pereira (1996) chama a atenção para a importância que, no período estudado, entre 1800-1827, o casamento tinha na passagem de situações de migração temporária a situações de migração definitiva. No caso das migrações com origem em Marco de Canaveses, que analisa igualmente através dos registos paroquiais de casamento, e para os homens, a vinda para a vida militar era também um dos meios de fuga à vida no campo que tendia a tornar-se definitiva após o cumprimento do serviço. Dos 6.137 casamentos que observou, mais de metade foram celebrados entre migrantes, o que dá bem conta da importância das migrações para este espaço e, por outro lado, do peso que a população migrante tem em relação ao conjunto da população da cidade. Um dos aspectos curiosos do referido estudo, apesar da distância temporal em relação aos dados que apresentamos, reside na forte coincidência das origens geográficas daqueles que migraram para a cidade, o que, de certa forma, vem corroborar a tese do espaço região em que os sistemas sociais com características

repulsiva acarreta inúmeras consequências nas sociedades urbanas. As pessoas que, nas décadas em observação, vieram engrossar a população da cidade tiveram que se adaptar a um diferente ritmo de vida daquele que até então estavam habituadas; tiveram que, progressivamente, fazer uma readaptação social em meio diferente, por vezes completamente estranho, e, muitos dos que permaneceram, tiveram que, para além do eventual apoio constante ou esporádico aos que permaneceram nos espaços de origem,¹⁸ conseguir meios materiais e apoio social para se irem integrando, acabando grande maioria dos que permaneceram por contrair matrimónio na cidade.

4. Suportes à fixação na cidade e ligações com os espaços de origem

Uma análise simple do inquérito por questionário acerca das condições de fixação dos migrantes na cidade deixa perceber que a maior parte dos migrantes, cerca de sessenta por cento, se fixou e se integrou na cidade com suporte ou ajuda familiar: 20,5% vieram com os pais, 33,0% vieram com a família e 10,8% instalaram-se em casa de familiares que já residiam na cidade.¹⁹

distintas interagem de facto e de longa data, com preponderância para os distritos a Norte do rio Douro; e, por outro lado, vem também corroborar a tese das redes sociais que explica a continuidade no tempo de fluxos migratórios estabelecidos na base de laços familiares e de conterraneidade. O estudo regista ainda um dado do maior interesse que é o facto de, no contexto global das migrações, ter o Marco de Canaveses um lugar proeminente, como se volta a repetir ao longo das décadas aqui registadas.

18 A percepção das modalidades de apoio prestadas pelos migrantes aos familiares que permaneceram nos espaços de origem foi-nos dada por algumas entrevistas efectuadas. Mas esse mesmo apoio aos familiares que permaneceram na origem é testemunhado por trabalhos congéneres. É o que nos refere, por exemplo, Monteiro, a propósito do apoio esporádico: «Ainda em 1942 os filhos que estavam em Lisboa mandavam de vez em quando [para a Lousã] (pelo Natal ou Páscoa, por exemplo) 20\$00 para os pais». (1985: 90-91).

19 Em investigação sobre a adaptação dos migrantes de origem rural ao meio industrial e urbano de Lisboa para os inícios da década de setenta Almeida *et al.* (1971: 10) referem a existência de uma significativa associação entre o arranjar ocupação na cidade —tanto na construção civil como na indústria metalo-mecânica— e a existência prévia de familiares aí radicados, 71% dos casos, a par dos amigos, 59%, ou dos conhecidos conterrâneos.

QUADRO VIII

Condições de fixação e integração na cidade²⁰

	Sozinho (1)	Em casa das pessoas para quem veio trabalhar (2)	Com outros trabalhadores (3)	Com os pais (4)	Com a sua família (mulher/marido e filhos) (5)	Com outros familiares (6)	Com amigos da sua terra de origem (7)	Outra situação (8)5	n =
Homens	27,7	7,7	4,6	21,5	24,6	10,8	1,5	1,5	65
Mulheres	15,3	14,4	—	19,8	37,8	10,8	—	1,8	111

X² = 13,792; gl = 7; p = ,055; V. Cramer = ,280. Fonte: Inquérito por questionário

Apesar das diferenças entre sexos não serem estatisticamente significativas ($p > 0,05$), as maiores distribuições relativas das mulheres em relação aos homens nas vindas para a cidade com a família (marido/filhos) ou para casa de pessoas para quem vieram trabalhar, num quadro em que dominavam as ocupações de domésticas, e, por outro lado, a menor distribuição relativa das mulheres do que dos homens nas vindas isoladas para a cidade fazem todo o sentido não apenas por um maior controlo da família na vinda isolada das filhas para o meio urbano²¹ como também pela maior facilidade dos homens em arranjar ocupações e, sobretudo, ocupações diversificadas e não tanto dependentes de redes de apoio como era, por exemplo, o caso das ocupações ligadas às actividades de carácter doméstico.²²

A distância física entre espaços de proveniência e de acolhimento não é impedimento para a maior parte dos migrantes à manutenção

20 O quadro VIII apresenta uma análise de Qui-quadrado. Sobre este teste estatístico, v. Pestana e Gageiro (1998: 91-100).

21 Arminda Augusta trazia da aldeia moças que, a pedido de seus pais, ajudava a colocar na cidade como criadas de servir. Explica como era restrito o campo de acção e liberdade dessas raparigas à sua guarda: «Elas não podiam sair a não ser com as minhas filhas. As mães delas confiavam-mas. E eu dizia-lhe: - *Não quero rapazes aqui à porta*».

22 De igual forma observa Costa em relação a Alfama: «As mulheres migrantes vieram na senda de pais ou irmãos ou outros familiares e conterrâneos, ou vieram casar-se, ou casadas, com um homem da terra. Vieram fazer serviços de limpeza, trabalhar ao domicílio na costura, desenvolver actividades permanentes ou eventuais no comércio (como empregadas ou no agregado doméstico pequeno-comerciante ou artesão), empregar-se numa repartição, num supermercado, numa loja. Ou então ficaram exclusivamente em casa, a cuidar do homem, dos filhos, dos parentes». (1985: 748).

de contactos regulares em relação a familiares e amigos que permaneceram na terra de origem.²³ A propósito, há um ponto importante a reter: o carácter familiar de que se revestem grande parte dos percursos migratórios, saídas da terra de origem motivadas por dificuldades familiares de que houve necessidade de combater granjeando na cidade trabalho para se ajudar pais e irmãos ou filhos e mulher que por lá ficaram. Percursos que se iniciam muito cedo, de tenra idade, e sem distinção entre sexos. Margarida Vieira, natural de Cinfães, quando veio para a cidade trabalhar para o restaurante de uns tios. Assim que juntasse algum dinheiro a preocupação era enviá-lo para a mãe:

Era logo. Se eu tivesse nem que fossem vinte e cinco tostões no bolso e encontrasse uma pessoa conhecida da minha terra, dizia-lhe: —Olhe, faz favor, leve isto à minha mãe. Coitadinha, eu pela minha mãe... Naquele tempo, o meu tio dava-me sessenta escudos por mês, era muito dinheiro. Mas, é claro, eu nem via a cor do dinheiro porque a minha tia mandava-o todo para a minha mãe. Eu só era senhora de algum tostão que recebesse das gorjetas.

A ajuda mais ou menos regular e o desejo de levar da cidade ou trazer da terra o que o que em cada um dos espaços não era abundante ou mesmo não existia —pelo menos, não existia com as mesmas características (sobretudo em relação aos alimentos)— faz parte dos contactos estabelecidos entre migrantes e os conterrâneos que permaneceram na terra de origem.

Mandava dinheiro para os meus pais —recorda Emília Ribeiro— e quando ia lá nas férias ia bem carregada. Levava-lhes tudo de mercearia. Eles até me ralhavam. Mas também vinha carregada. Eles mandavam-me tudo. No tempo as cerejas elas lá vinham. O meu pai vinha sempre cá pelo

23 A manutenção de contactos entre os migrantes residentes na cidade e os que permaneceram na terra de origem parece não se restringir a curtas distâncias, de âmbito distrital ou regional, como os dados nos permitem observar (uma vez que não há ausências em nenhum dos distritos representados de contactos entre os migrantes e as respectivas terras de origem por deslocações mais ou menos frequentes). Também em relação às vivências dos migrantes radicados no bairro lisboeta de Alfama, muito deles provenientes do Norte do país, Costa observa: «Não menos interessante é o facto de estes migrantes manterem em muitos casos relações estreitas com as terras de origem, em versões variadas e com diferentes intensidades. São ligações que frequentemente se prolongam de geração em geração, e de tal modo que as cadeias migratórias, assentes em relações de parentesco e conterraneidade, adquirem ainda maior espessura e complexidade do que se poderia esperar de fenómenos de migração em cadeia meramente *unidireccional*». (1985: 747).

São João. Se ele não viesse nós não podíamos ir à noitada. Ele vinha e andava connosco. Trazia sempre qualquer coisa para os patrões. A minha mãe nunca foi muito amiga de vir ao Porto. Veio ao meu primeiro casamento e não veio mais. Escrevia frequentemente para eles e eles para mim.

Para além da troca frequente de correspondência e dos contactos telefónicos, o levar e o trazer de notícias entre pessoas radicadas em diferentes espaços é assegurado pelos migrantes que se deslocam à terra e que na cidade têm familiares, amigos ou conhecidos conterrâneos. Constituem elos de ligação nos dois sentidos e por redes de relações sociais que abrangem os espaços envolvidos. Adriano Soares quando ia a Baião, numa festa como o Natal ou no aniversário dos pais, trazia muito especialmente broa de milho e distribuía pelos familiares com quem de início veio morar na cidade:

Aqui não havia broa em condições. A broa da província era qualquer coisa de formidável. Aqui não havia broa, havia moletes, que agora são os pães. E então eu trazia uma broa que pesava para aí uns seis a sete quilos; trazia aquilo às costas num saco. E então trazia assim umas azeitonas, uma fruta, uns figos, umas uvas aqui para a minha falecida tia.

Os contactos entre os migrantes e os familiares que permaneceram na terra de origem são também regulares pela vinda dos segundos à cidade, particularmente em ocasiões festivas como o Natal, a festa de São João ou por razões de apego religioso, como a crença na Santa Clara, a santa da fala, para que se desenvolva a fala a quem não a têm ou mesmo para «levar a falinha até á hora da morte». Pelo Natal a mãe e os irmãos de Margarida Vieira que permaneceram em Cinfães vinham sempre consoar a casa dos tios: «Vinham na véspera, comiam, bebiam e dormiam e depois, no outro dia, iam embora».

É frequente o relacionamento na cidade entre conterrâneos migrantes particularmente na fase de integração inicial.²⁴

24 Esse relacionamento assume maior importância no caso daqueles que migraram isolados. Os grandes centros, particularmente Lisboa, com a migração em larga escala de gente proveniente de espaços rurais vêm surgir as associações de base regional e local, as casas regionais, as comissões de melhoramento - como forma de combater o anonimato e a ausência de relacionamento dos que aí se instalam. Como sustenta Rocha-Trindade: «Tomando como paradigma do caso geral das migrações internas a fixação, em Lisboa, de pessoas originárias das zonas rurais do país, reconhece-se que as estratégias associativas entre conterrâneos representam modos de combater o isolamento e o quase anonimato do grande espaço urbano, mobilizando simultaneamente os mecanismos de solidariedade característicos das aglomerações de muito pequena dimensão». (1993: 294).

Juntava-me com elas ao domingo, enquanto não casei-records Maria Olga. Depois de casar morreu tudo. Nunca gostei de ir para bailes. Íamos até à Foz, naquele jardim. Ainda havia os eléctricos; saíamos no eléctrico e vínhamos de eléctrico outra vez. E cada uma ia para as suas senhoras. Depois combinávamos de novo para o domingo seguinte. Depois comecei a namorar e algumas também a namorar, outras casaram mais cedo do que eu. Cada uma começou a ir para a sua vida. Depois de casar foi diferente. Andava com o meu marido, estava em casa, tinha uma vida muito diferente.

Sendo a maioria dos migrantes originários de espaços pertencentes ao Norte do país, com destaque para o distrito do Porto, é natural que seja grande a frequência com que se deslocam às terras de origem: dos 176 inquiridos, a maior parte, 55,1%, vai pelo menos uma vez por ano, 27,8% vai raramente, e apenas 17,0% nunca vai. Não há uma relação estatisticamente significativa entre as idades dos migrantes e as deslocações à terra de origem ($p > 0,05$).

Apesar dessa frequência elevada nas idas às terras de origem, sinal claro da permanente interpenetração de espaços com características distintas que, por essa via, se moldam e esbatem contrastes (Ribeiro e Hermann 1989: 774), pode afirmar-se que não há datas que representem de forma marcada retornos cíclicos: a Páscoa é a festa que mais expressão tem nas idas aos espaços de origem, com 28,1% do total de casos ($n = 146$), seguida da romaria anual, com 25,3% dos casos, dos finados, com 22,6% dos casos, e, finalmente, do Natal, com 18,5% dos casos. Não é de estranhar que nenhum dos motivos de deslocação apontados tenha uma importância notória. Os migrantes, integrados no espaço de acolhimento, estão constrangidos ao ritmo de vida que a cidade impõe, mas, ao mesmo tempo, balançam entre dois espaços e duas sociedades onde têm ligações familiares, sendo que aquela em que criam descendentes tende a sobrepor-se no tempo e em permanência no tipo de acontecimentos referidos.²⁵ É o caso de Maria

25 Sobre os contactos entre os migrantes radicados em Lisboa e os familiares e conterrâneos que permaneceram nos espaços de origem (no caso, os concelhos de Tábua, Arganil, Gois e Pampilhosa da Serra), Rocha-Trindade refere-se à existência de estratégias associativas que se traduzem em momentos cíclicos de partilha: «Desta maneira, as festas dos oragos e outros do calendário anual acabaram por se deslocar para os meses de Agosto e Setembro, de forma a coincidirem quanto possível com os períodos de férias e proporcionarem considerável atracção de conterrâneos à região da serra. Exceptuam-se desta tendência duas grandes festas fixas: o Natal, que conduz à reunião das famílias e que, por essas razões, pende para o local onde os maiores números se encontram (seja Lisboa, seja a Serra); a festa de finados, em 2 de Novembro,

Amélia, natural de Amarante. De vez em quando, vai à terra com o filho. A irmã até queria que ela fosse para lá viver mas ela não vai porque tem cá a família que lhe resta. Por outro lado, muitos dos que ficaram nos espaços de origem, como os pais, irmãos, tios, primos, vão falecendo ou também migraram fazendo com que a motivação para as deslocações, sobretudo as que estariam mais relacionadas com a família, como as festas da Páscoa ou do Natal, deixem de ser tão fortes ou não existam sequer. Margarida Vieira ia a Cinfaes todos os anos, nas festas da Sr.^a de Lurdes, no primeiro domingo de Setembro, mas deixou de o fazer após a morte do irmão, único familiar directo que lá lhe restava: «Ainda este ano tenho lá uma vizinha que me disse: - Vá à sua terra Guidinha, vá. Mas eu não tenho coragem».

5. Conclusão

A percepção da existência de redes de relações sociais é da maior importância para o estudo dos processos migratórios e para a compreensão das condições em que vivem os actores sociais que os representam: homens e mulheres que, geralmente, nunca deixam de se mover entre dois espaços e duas sociedades; que migraram pelos conhecimentos que outros conterrâneos, familiares ou não, lhes foram deixando acerca da cidade, função que, após aí se estabelecerem, irão também exercer em relação aos irmãos, parentes ou apenas conhecidos; que continuam a manter contactos estreitos com as terras de onde partiram, nomeadamente porque nelas permaneceram muitos dos seus familiares, sobretudo progenitores e irmãos, que constituem sempre motivo fundamental para o retorno cíclico.

que, impondo o dever de visita, obriga à sua celebração nos locais de origem. Tornou-se assim habitual fazer coincidir com esta data a realização de magustos que promovem a confraternização aldeã». (1986: 328). Em relação aos migrantes radicados no Bonfim, se podemos estar de acordo quanto à aproximação com os que permaneceram nos espaços de origem em qualquer dos momentos referidos —sendo certo que o estar com a família, como acontece pelo Natal promove as deslocações nos dois sentidos— não parece legítimo que essa aproximação tenha considerável expressão numérica porque a própria família que se constitui na cidade e diversas circunstâncias a ela associadas conduz, muitas vezes, à permanência na cidade em qualquer destes momentos, com particular destaque em relação aos finados em que a obrigação e o ritual de velar pelos entes que partiram se sobrepõe a quaisquer outras intenções e práticas de convivência. Sobre este assunto v. também Monteiro (1985).

A observação das origens geográficas dos migrantes radicados na cidade pelos registos de casamento deixa perceber a continuidade entre gerações em termos de importância relativa de uns espaços sobre outros, tanto ao nível dos distritos, com destaque para os do Norte do país, como ao nível dos concelhos do distrito do Porto; por outro lado, parece claro que a família exerce um papel preponderante na fixação dos migrantes à cidade: para todos os que vieram na condição de dependentes dos pais, para os que vieram já com família constituída e para os que se associaram na cidade a outros familiares. É claro que é significativa a importância relativa dos que vierem sozinhos, sem apoio familiar. Importa porém referir que mesmo estes estabelecem rapidamente contactos na cidade com os que se encontram na mesma condição, não só em relação à questões como a partilha de espaços de residência como também em relação às actividades associativas —consignadas muitas vezes ao âmbito das casas regionais, bem representadas nas grandes cidades como Lisboa e Porto— e ainda mesmo em relação à vida privada, designadamente em relação ao casamento. Os discursos acerca dos processos de fixação dos migrantes ao espaço urbano e da relação que estes continuam a manter com os familiares e conterrâneos que permaneceram nos espaços de origem são bem elucidativos das condições em que homens e mulheres deixam as suas terras de origem para se fixarem noutras espaços onde, pelo menos aparentemente, poderão conseguir melhores condições de vida: uma migração caracterizada sobretudo por factores repulsivos, num país em que as assimetrias económicas e sociais entre espaços se fazem sentir significativamente e em que, por consequência, a migração surge como uma necessidade e uma estratégia de conjunto, sobretudo de carácter familiar, e que por isso mesmo se estabelece fortemente na base da constituição e do desenvolvimento de redes de relações sociais, entre os migrantes radicados na cidade há mais tempo e os que a ela afluem mais tardiamente e entre os migrantes radicados na cidade há mais ou menos tempo e os que permanecem nos espaços de origem, pelo fluxo mais ou menos constante ou sazonal de recursos materiais, designadamente de ajuda pecuniária e em géneros, e pela partilha familiar e comunitária em momentos específicos do ano.

Bibliografía

- ALARCÃO, ALBERTO DE (1964): «Êxodo rural e atracção urbana no continente», *Análise Social*, II (7-8): 511-573.
- 1985: «Trabalho feminino e estratégias familiares», *Análise Social*, XXI (85): Lisboa: 7-44.

- ALARCÃO, ALBERTO DE (1986): «A fábrica e a família-tópicos para uma reflexão», *Análise Social*, XXII (91): 279-312.
- *et al.*: (1971): *Adaptação do trabalhador de origem rural ao meio industrial e urbano*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Industrial.
- ALVES, JORGE FERNANDES (1994): *Os brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto, s.e.
- BOURDIEU, PIERRE (1989): *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- CARDOSO, ANTÓNIO (1997): «As migrações numa aldeia minhota: conservação e mudança (1960-1990), *Cadernos ESAP*, 2-3: 37-53.
- CASTELLS, MANUEL (1999): *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, vol. 1: Paz e Terra.
- COSTA, ANTÓNIO FIRMINO DA (1984): «Entre o cais e o castelo: identidade cultural num tecido social desigualitário», *Revista Crítica de Ciências Sociais*: 77-108.
- 1985: «Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros», *Análise Social*, XXI (87-88-89): 735-756.
- 1992: *O que é sociologia*. Lisboa: Difusão Cultural.
- DUCHAC, RENÉ (1974): *La sociologie des migrations aux États-Unis*. Paris: Mauton.
- GIDDENS, ANTHONY (1997): *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GRIBAUDI, MAURIZIO (1987): *Itinéraires ouvriers. Espaces et groupes sociaux à Turin au début du XX^e siècle*. Paris: Éditions de l'École de Hautes Études.
- JACKSON, JOHN A. (1991): *Migrações*. Lisboa: Escher.
- KARMEL, P.H.; POLASEK, M. (1976): *Estatística geral aplicada à economia*. São Paulo: Atlas.
- MAIA, RUI LEANDRO (2001): *O sentido das diferenças. Migrantes e naturais: observação de percursos de vida no Bonfim*. Dissertação de doutoramento no ramo de Sociologia, da área de conhecimento de Sociologia e Metodologias Fundamentais, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Braga: Instituto de Ciências Sociais/Universidade do Minho (policopiado).
- NUNES, A. SEDAS (1964): «Portugal, sociedade dualista em evolução» *Análise Social*, II (78): 407-462.
- MICHEL, ANDRÉE (1983): *Sociologia da família e do casamento*. Porto: Rés-Editora.
- MONTEIRO, PAULO (1985): *Terra que já foi terra*. Lisboa: Salamandra.
- PARSONS, TALCOTT (1968): *La estructura de la acción social*. Madrid: Guadarrama.
- 1969: *Sociedades; perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira.
- PEREIRA, GASPAR MARINS (1995): *Famílias portuenses na viragem do século (1880-1910)*. Porto: Edições Afrontamento.

- PEREIRA, ISOLINA ROSA (1996): «Mobilidade geográfica da população do Marco de Canaveses: 1800-1827», en *Actas do Congresso Municipalismo e desenvolvimento no Noroeste Peninsular*, 2 vols. Marco de Canaveses: Câmara Municipal do Marco de Canaveses: 89-105.
- PESTANA, MARIA HELENA; GAGEIRO, JOÃO NUNES (1998): *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- PISELI, FORTUNATA (1998): «Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 50: 103-118.
- PORTES, ALEJANDO (1999): *Migrações internacionais. Origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta Editora.
- RAISON, JEAN-PIERRE (1986): «Migração», en *Enciclopédia Einaudi*, 8, Região. Lisboa: INCM: 488-517.
- RIBEIRO, ORLANDO; LAUTENSACH, HERMANN (1989): *Geografia de Portugal. III. O povo português*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ROCHA-TRINDADE, MARIA BEATRIZ (1986): «Do rural ao urbano: as estratégias associativas de sobrevivência», *Análise Social*, XXII (91): 313-330.
- 1993: «Os piqueniques regionalistas em Lisboa», en *A cidade. Jornadas inter e pluridisciplinares*. Actas II. Lisboa: Universidade Aberta: 289-307.
- et al. (1995): *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ROCHER, GUY (1989): *Sociologia geral. Mudança social e acção histórica*. Lisboa: Editorial Presença.
- RONCAYOLO, MARCEL (1986): «Cidade», en *Enciclopédia Einaudi*, 8, Região. Lisboa: INCM: 396-487.
- ROSENTAL, PAUL ANDRÉ (1993): «Appartenance territoriale, migration et choix patrimoniaux», en *Le logement, une affaire de famille* (Catherine Bonvalet y Anne Gotman, orgs.). Paris: Éditions L'Harmattan: 71-83.
- ROWLAND, ROBERT (1986): «Poblacion, familia, sociedad», *Familia y sociedad*, 1: 15-21.
- SANTOS, FÉLIX REQUENA (1991): *Redes sociales y mercado de trabajo. Elementos para una teoría del capital relacional*. Madrid, CIS (Centro de Investigaciones Sociológicas).
- SARACENO, CHIARA (1997): *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SHILS, EDWARD (1992): *Centro e periferia*. Lisboa: Difel.
- WEBER, MAX (1991): *Economia e sociedade. Fundamentos sociologia compreensiva*, vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- WIRTH, LOUIS (1997): «O urbanismo como modo de vida», en *Cidade, cultura e globalização* (Carlos Fortuna, org.). Oeiras: Celta Editora: 45-65.